A COMPLEXIDADE DA SALA DE AULA NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Helena Camara Bastos[1]

RESUMO

Sala(s) de aula(s), escola(s), memória(s), cultura(s) - palavras, plurais em significados, imbricadas no cotidiano de todos nós. Falar sobre elas pode parecer lugar comum, dizer o já dito, são naturalizadas e perdem expressividade na prática educativa. Neste texto, procuro analisar esses termos, na perspectiva da história da educação, centrando o olhar na sala de aula e nas suas práticas. A cultura escolar é um objeto histórico específico, que cada escola, em diferentes espaços e tempos, configura de forma singular, com suas especificidades. A sala de aula e a escola mudam assim como as estratégias do ensinar e aprender, como muda o mundo que as envolve. Falamos em crise da escola, mas estamos nos referindo a um complexo processo de mudança da sociedade como todo. As novas tecnologias da informação e da comunicação modificam profundamente as práticas escolares, os objetivos da educação e a relação entre os diferentes contextos de educação e ensino, mas também desafiam a busca constante de estratégias e táticas de superação. É importante conhecer como essa história se constitui e se integra no nosso cotidiano, para compreendermos de onde surgem, de quais estratégias e problemas fazem parte, como foram ou são utilizadas, para que possamos reinventar o cotidiano da escola e da sala de aula.

Palavras-chave: sala de aula, escola, memória, cultura, complexidade, contemporaneidade.

[1] Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. E-mail: mhbastos@pucrs.br.

> O quarto onde eu dormia era um enorme quadro-negro, onde estavam escritas, como se fossem equações resolvidas, as várias fases de minha vida. Os números eram ao mesmo tempo números e paisagens. Ali estava a cheia do rio, com o rapagão se atirando à correnteza. Adiante, a palmatória de Sobral. As vacas de osso, o Colégio, o Liceu, a Faculdade, Paulino Caboclo, o vermelhinho Honório (Honório ainda sorria!), tudo se encontrava desenhado. (...) E eu tomava decididamente de uma esponja, para apagar tudo, começar a vida de novo. Ernani Satyro (1954, p.338)

> O que é uma classe? Um monstro que se move, ri, bate os pés, cochila, arranha, adormece, sonha. E com essa coisa dissimulada, imprevisível, sensível à época do ano, à tempestade, ao calor, ao gelo, o professor sente-se envolvido pelo monstro (...). A culminação normal do ensino moderno é o computador, disse-me o professor-robô desprovido de qualquer sinal de afetividade, e, por isso, infinitamente paciente e objetivo, que leva em conta todas as particularidades do aluno único colocado diante dele, suas falhas e suas aptidões, destilando a um ritmo apropriado a informação do programa. Ele trabalhava para atingir tal ideal (...). (TOURNIER, 1994, apud DUSSEL; CARUSO, 2003, p.236).

Sala(s) de aula(s), escola(s), memória(s), cultura(s) - palavras, plurais em significados, imbricadas no cotidiano de todos nós. Falar sobre elas pode parecer lugar comum, dizer o já dito, muitas vezes naturalizadas e perdendo expressividade na prática educativa.

A realidade é bem mais complexa, pois, além de uma perspectiva espacial, envolve sujeitos (professores/alunos) em atividade de ensinar/aprender/ensinar..... Como nos coloca Caruso (2005, p.11), expressam o processo de governabilidade de crianças, jovens e adultos. Estruturam-se em uma rede de instituições, procedimentos, táticas, que possibilitam o exercício do poder, a partir de uma gramática escolar, que busca com eficácia formar o sujeito moderno. Essa "máquina de aprender"[2], que controla as atividades e o uso do tempo, em função da produtividade e utilidade[3], apresenta contradições, resistências. Ao longo da história, a sala de aula e a escola mudam assim como as estratégias do ensinar e aprender.

Neste texto, procuro analisar esses termos na perspectiva da história da educação, centrando o olhar na sala de aula e nas suas práticas. A História Cultural ou, ainda, o estudo da produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens no passado, sinaliza para uma compreensão dos diferentes processos educativos e escolares. A história da educação, como parte integrante da cultura de um povo, permite a compreensão da cultura escolar, na clássica definição de Dominique Julia (2001):

> como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão

[2] Sobre a maquinaria escolar, ver Varela & Alvarez-Uria (1991).

[3] A modernidade é um período histórico privilegiado para estudar os dispositivos de poder-saber dos processos de assujeitamento do homem moderno, com vários procedimentos e técnicas do governo de si. Sobre, ver Bastos (2011).

> desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que concebem a aquisição de conhecimentos e habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (p. 10)

A cultura escolar, assim entendida, seria algo que permanece e que dura. Vinão (2002, p.73) fala em "culturas escolares", que expressam ideias de continuidade, estabilidade, sedimentação e relativa autonomia em criar produtos específicos, como as disciplinas escolares e que se transmitem de geração em geração. Para o autor, as "culturas escolares", expressam um "conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentados em forma de tradições, regularidades e regras do jogo".

É importante assinalar que a cultura escolar é um objeto histórico específico, que cada escola, em diferentes espaços e tempos, configura-se de forma singular, com suas especificidades. Também cada sala de aula é palco de diferentes formas de ensinar. Como essa história constitui-se e integra-se no nosso cotidiano é fundamental para compreendermos de onde surgem, quais as estratégias e problemas fazem parte, como foram ou são utilizadas, nos ajudam a assumir nossa tarefa como uma reinvenção própria das tradições que recebemos (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 17).

Conhecer a(s) cultura(s) ou a(s) gramática(s) dos espaços educativos e escolares implica analisar os elementos mais visíveis que os conformam: os atores, os discursos, os aspectos organizativos e institucionais, o entorno físico-material. Isto é, tudo aquilo que historicamente contribui para caracterizar a escola como instituição. Como as culturas e práticas se fazem presentes no cotidiano da sala de aula e da escola?

Podemos situar o nascimento da escola na Idade Média, definida, por Durkheim (1938, 1995), como um ambiente moral organizado, que reúne sob o mesmo teto vários mestres trabalhando com um mesmo objetivo. Mas somente no século XVII que surge um discurso e uma prática formalizada, isto é, nasce a pedagogia, decorrente de uma preocupação moral com a infância, assim como um questionamento da utilidade da escolarização na manutenção da ordem social (GAUTHIER, 2010, p. 121). Dessa realidade, a sala de aula ou a classe estrutura-se como um sistema fechado para a realidade exterior, unicamente voltado

para o ensino, que organiza-se tanto no espaço (divisão dos alunos, quadros murais, quadro-negro) como no tempo (horários, séries graduadas).

Do método individualizado[4], no século XVII passamos ao método simultâneo (coletivo), no qual as crianças, com as mesmas capacidades, estão reunidas, recebem a lição ao mesmo tempo e reina uma ordem absoluta[5]. As pinturas que retratam a(s) "sala(s) de aula" do método individualizado expressam um ambiente de grande desordem, com crianças, jovens e adultos misturados no mesmo espaço. Com o método simultâneo e o método mútuo[6] essa realidade muda radicalmente; os alunos estão sentados em bancos e alinhados uns atrás dos outros, e, gradativamente, passam a ter variados materiais e utensílios escolares (livro, papel, pena, lápis, etc.).

Voltemos no tempo para analisar algumas descrições da sala de aula e da escola. A escola de Antonio d'Ávila, considerada a primeira escola particular de Porto Alegre, é retratada por Felicíssimo M. de Azevedo, no Anuário da Província do Rio Grande do Sul em 1885[7], onde descreveu a rotina diária, com a seqüência de atividades de ensino, a divisão interna da sala de aula, a disciplina, o uso da palmatória. Sobre o cotidiano da escola do professor *Amansa*, que adotava o método jesuítico, diz:

> A aula abre-se pontualmente às 7 horas e meia, mas só às 8 horas entra o professor. Com a sua chegada todos os discípulos se levantam e soa pela sala a saudação cantada: "Bons dias", depois de tomar assento em sua poltrona, com a gravidade de um soberano, faz o professor um sinal significativo e todos se assentam. Principia então o estudo da leitura, que é cantado, deleitando-se o professor com este exercício um tanto musical, que muitas vezes serve para dar a conhecer uma aptidão que mais tarde tem de ser aproveitada pelo mesmo professor, que é muito entendido em música. A aula é dividida em quatro decúrias tendo cada uma um chefe, um dos discípulos mais adiantados para ensinarem os principiantes, havendo ainda um decurião-mor que tem a autoridade absoluta sobre toda a aula e que substitui o professor em qualquer emergência. Este pequeno régulo, por sua vez, no desempenho de sua honrosa tarefa arma ao pobre companheiro, com quem tem alguma conta a ajustar, um

---

[4] O ensino individual consiste em fazer ler, escrever, calcular, cada aluno separadamente, um após o outro, de maneira que quando um recita a lição, os demais trabalham em silêncio e sozinhos. O professor dedica poucos minutos a cada aluno. O emprego de meios coercitivos garante o silêncio e o trabalho. Não existe um programa a ser adotado e as variações, de escola para escola, são imensas (BASTOS, 2005, p. 34).

[5] No fim do século XVII, sob inspiração de Jean-Baptiste de La Salle (1651-1718), foi introduzido o método simultâneo, que a partir de 1850, generaliza-se nas escolas primárias e é praticado até nossos dias. Este método consiste em o professor instruir e dirigir simultaneamente todos os alunos, que realizam os mesmos trabalhos, ao mesmo tempo. O ensino é coletivo e apresentado ao grupo de alunos reunidos em função da matéria a ser ensinada. Os alunos são divididos de maneira mais ou menos homogênea, de acordo com seu grau de instrução. Para cada grupo ou classe, um professor ensina e adota material igual para todos (BASTOS, 2005, p.35).

[6] Nos métodos de ensino individual e simultâneo, o agente de ensino é o professor. No método monitorial/mútuo, a responsabilidade é dividida entre o professor e os monitores, visando a uma democratização das funções de ensinar. Sobre o método mútuo, ver Bastos e Faria Fº (1997); Bastos (2005).

[7] Kraemer Neto (1969, p.21, 29) e Schneider (1993, p.16, 18) reproduzem na íntegra esse artigo de Felicíssimo de Azevedo, intitulado "A primeira escola de Porto Alegre". Schneider dá como referência a Revista Província de São Pedro, n.16, 1951. Sobre o *Professor Coruja*, ver Bastos (2006).

> capítulo de faltas que não cometeu e que lhe custa um castigo de uma dúzia de bolos. O processo aqui é sumaríssimo. Ouvida a acusação, sem a menor defesa ou audiência do acusado, é ele sentenciado ou antes condenado. A contabilidade encerra-se nas quatro operações aritméticas, regra de três e uma conta de juros. A gramática só é explicada aos discípulos de latim. Ordinariamente as quartas e sábados há argumento de tabuada. Umas vezes, quando o professor está de bom humor, como para divertir-se, manda que os meninos se arguam mutuamente, tomando o interrogante a palmatória com a qual à guisa de mestre aplica ao seu contendor um bolo por cada ponto. Outras vezes coloca ele um menino (que raramente tem mais de oito anos) sobre um tamborete, pondo-se o mestre de pé para interrogá-lo. Só este aparato deixa a pobre criança em tal excitação que nada sabe responder, resultando de tão bárbaro sistema de argumentar tabuada sair o menino da escola às vezes com as mãos inchadas sendo preciso lavá-las com salmoura para evitar inflamação" (apud SCHNEIDER, 1993, p.17).

Essa descrição minuciosa nos fala do cotidiano dos alunos, de atitudes do professor, de disciplinas escolares ministradas, do material escolar utilizado, das práticas educativas e do sistema disciplinar adotados em uma escola no início do século XIX.

Outros exemplos poderiam nos auxiliar na análise de permanências e mudanças da cultura escolar e nas práticas educativas. A literatura, considerada como um dispositivo pedagógico, permite entrever os enunciados discursivos de um tempo e espaço, as representações sociais e o imaginário de atores sociais, reais e ficcionais[8].

Cora Coralina, no seu poema *Escola da Mestra Silvina*, descreveu a escola, em fins do século XIX:

> [...] Não havia chamada e sim o ritual de entradas, compassadas. "Bença, mestra..."
> Banco dos meninos, banco das meninas. Tudo muito sério. Não se brincava. Muito respeito. Leitura alta. Soletrava-se. Cobria-se o debuxo. Dava-se a lição. Tinha dia certo de argumento, com a palmatória pedagógica em cena. Cantava-se em coro a velha tabuada. Velhos colegas daquele tempo, onde andam vocês? (apud VEIGA, 2007. p. 9-10).

Poderíamos também centrar o olhar sobre o quadro-negro, marca registrada da cultura material da escola, considerado uma peça central e essencial da sala de aula e das práticas pedagógicas. No final do século XIX, o uso do quadro-negro instala-se nas escolas, período em que paulatinamente consolidam-se os sistemas públicos de instrução elementar. A partir de então, passa a figurar como um dogma da escola moderna a máxima: "o melhor professor é aquele que usa mais giz".

---

[8] Sobre a história, literatura e história da educação, ver Decca & Lemaire (2000); Dosse (2001); Pesavento (2003); Zilbermann (2004); Tisson (2004).

Todos guardam em sua memória a presença do quadro-negro, que povoa o imaginário de nossos tempos de escola[9]. Essas recordações despertam lembranças alegres, mas também situações de medo e de humilhação - não saber resolver as contas de aritmética frente a todos colegas, o castigo de escrever no quadro várias vezes a mesma frase[10], as extensas lições e temas de casa que a professora escrevia e que deviam ser copiadas durante grande parte do turno escolar, os avisos copiados para serem levados aos pais[11].

Érico Veríssimo traz descrições preciosas de práticas escolares, ficcionadas em meados do século XX, em que o quadro-negro é presença central:

> "Aquiles ficou boiando no assunto. Material escolar? O que seria isso?
> (...) - Ora, classes, bancos, tinteiros, quadro-negro, giz, cadernos, lápis, canetas e livros, por enquanto apenas o primeiro livro.
> (...) Lucílio correu os olhos: sete classes usadas, judiadas a ponta de canivete, uma guenza, mas reparável; quatorze tinteiros; um pote de tinta; três dúzias de lápis e quinze canetas; um quadro-negro, um pano para limpeza e uma esponja; uma caixinha cheia de bastonetes de giz e, por último, uma palmatória.
> "Na hora da tabuada, a professora apontava os números no quadro-negro com o ponteiro e os alunos gritavam em coro: dois e dois são quatro!". (VERÍSSIMO, 1975, p.8)
> "Ergue-se e caminha até o quadro-negro. (...) Pega do giz e risca as palavras *via* e *nihil*. (...) Põe o giz no rebordo do quadro-negro e limpa as mãos com o lenço. Pois ora muito bem. Vamos ver... o senhor... Que vem a ser quantidade? O rapaz coça a cabeça... embaraçado, e seus olhos fitam o quadro-negro, vazios, inexpressivos, parados". (VERÍSSIMO, 1995, p.84)

Essas lembranças, reais ou ficcionais, evidenciam como a cultura escolar penetra no imaginário dos sujeitos que, em algum momento de sua vida, passaram pela escola. Nas nossas vivências de espaços educativos, pouca atenção se tem dado a certos objetos e as práticas ligadas a eles. Viñao Frago e Escolano Benito (1998, p. 121) destacam o papel da sala de aula ou as relações entre os métodos pedagógicos e a disposição espacial e dos objetos,

---

[9] Vários romances, contos, memórias abordam temas vinculados à escola e o período de formação. Exemplar é o "Conto de Escola", de Machado de Assis (1884). Outros exemplos: Histórias dos tempos de escola (FALCÃO et al., 2002); a trilogia organizada por Fischer, intitulada "Tempos de Escola. Memórias" (2011, 2012); "Diário de um Professor" (ROJAS, 20112). Sobre romance e a escola, ver: Tison (2004); Krumb (2004); Thélot (2001).

[10] A revista VEJA (1º de dezembro de 2004, p.35) publicou um pé de página, intitulado "Ao mestre, sem carinho", em que relata recordações de castigos vividos na escola por pessoas famosas. O relato da apresentadora Eliana exemplifica bem o uso do quadro-negro para situações de castigo: "Aos seis anos, uma professora me obrigou, na frente de todo o mundo, a encher a lousa com uma palavra que eu escrevia errado. Tive um bloqueio e até esqueci a palavra".

[11] O quadro-negro também está associado à representação da docência. Em fotos, charges, desenhos, pinturas, etc. a figura do professor é comumente retratada diante de um quadro-negro. Muito representativo dessa representação é o filme documentário iraniano (2000) – *O quadro-negro* (*How Samira made blackboards*): um professor, na área montanhosa do Irã, se esforça em alfabetizar um grupo de migrantes, que fogem da guerra, e um grupo de jovens adolescentes, que servem de *mulas* humanas para transporte de contrabando entre as fronteiras. O professor, de posse de seu único bem – o quadro-negro - integra-se ao grupo na sua caminhada e usa o quadro-negro tanto para ensinar como para proteger-se dos ataques aéreos.

enfatizando que são os conteúdos pedagógicos que dão qualidade ao espaço. Nessa perspectiva, o mobiliário escolar reflete a pedagogia, na qual o quadro-negro e o professor ocupam especial centralidade, que resulta da ausência de outros recursos para a aprendizagem.

Nilson de Souza, em sua crônica "Um século de sono" (2001), faz um exercício de imaginação para analisar a lentidão dos avanços tecnológicos no ambiente escolar. Parte da proposta de imaginarmos três pessoas congeladas em três lugares diferentes, durante um século: em uma esquina de uma grande cidade; na cozinha de uma casa; em uma sala de aula. E o que teria mudado na sala de aula? Em um primeiro olhar, quase nada - "O adormecido acordaria sem sustos, vendo o professor passar a lição no quadro e seus colegas de classe, todos sentados anotando em seus cadernos" (SOUZA, 2001, p.11). Devemos reconhecer que houve mudanças, nem sempre perceptíveis de imediato – "uma carga infinitamente maior de informações; a palmatória foi abolida; novas técnicas pedagógicas foram adotadas; o ensino é menos autoritário e mais prazeroso". O autor conclui que, na sala de aula – "nesse ambiente menos maquinizado e mais humano" – o nosso aluno degelado até estaria levando certa vantagem sobre seus contemporâneos que acordaram "no meio do trânsito ou sob o zumbido de uma panela de pressão".

Com esses fragmentos sobre a escola e a sala de aula, do século XIX e XX, fica a pergunta: Por que a escola, especialmente a sala de aula, apresenta a mesma dinâmica e estrutura em sua cultura, no século XXI? Mesmo com os avanços tecnológicos, que adentraram na escola e na classe com propósitos pedagógicos[12], a "geometria da sala de aula se mantém, frequentemente, inalterada" (NÓVOA, 2005, p. 65).

A escola e a sala de aula desenvolvem-se segundo um processo histórico de longa duração. É um espaço de sociabilidade comum para todos. O tempo da escola afeta os tempos sociais que pautam a sociabilidade e a condicionam intrinsecamente. A cultura da escola pode, sem dúvida, estar condicionada pelos modos de produção e pelos usos sociais, porém

---

[12] A Revista Época (8 de julho de 2002, p.93) publicou matéria intitulada *O sucessor do quadro-negro,* em que mostra sua substituição por uma plataforma sensível ao toque, denominada a *lousa digital,* que funciona como um grande monitor, que exibe arquivos, imagens, vídeos preparados pelo professor, conectado na rede de computadores dos alunos, que permite ao professor também receber informações escritas dos alunos. Segundo a reportagem, esse dispositivo agradou os alunos, por uma razão muito simples: ficam dispensados de *copiar* enquanto o professor explica, facilitando uma prática histórica do cotidiano da sala de aula: a cópia do quadro, mas não substitui o quadro em si. As opiniões são divergentes. Em reportagem sobre a Escola do Terceiro Milênio (Zero Hora, 26 de setembro de 1999), na sala de aula projetada pelos educadores consultados, o quadro-negro perderia o seu papel central, mas continuaria existindo. Não haveria mais a cópia mecânica dos conteúdos no caderno e aulas expositivas, portanto a finalidade do quadro-negro não teria mais sentido (BASTOS, 2005). O tampo da mesa do aluno também passou a ser digital e é recomendado às séries iniciais do Ensino Fundamental, para o desenvolvimento da escrita e da caligrafia.

ela mesma tem induzido alguns padrões básicos de organização social. Essa cultura nutre-se de disciplinas e experiências, fragmentos de práticas e de discursos, que têm codificados os modos de entender, de representar e de por em ação a educação institucional, onde os atores criam e compartilham dessa construção. Assim, a escola não é só uma instituição que reproduz e utiliza recursos da civilização que a envolve e nutre, mas também é criação, cultura, invenção (ESCOLANO, 2006, p.14). A escola produz um saber legítimo e plural, historicamente legitimado, resultado da articulação de ações dos atores sociais, de concepções científicas e didáticas, de convicções normativas e de intenções filosóficas, que permanentemente busca uma mudança na intenção educativa (HOUSSAYE et al., 2004, p.7).

A escola muda como muda o mundo que a envolve. Falamos em crise da escola, mas estamos nos referindo a um complexo processo de mudança da sociedade como todo. Hoje, a escola não é o *lócus* exclusivo de socialização. Como Guy Vincent (2001, p.7) nos coloca, essa crise decorre de que a *forma* escolar de socialização é hoje hegemônica. Isto é, sua difusão foi além da instituição e de suas margens, pois é transversal em relação a diversas instituições e grupos sociais. A predominância da escola acarreta exigências maiores e mais diversificadas em relação à escolarização (VINCENT, p.47).

Temos um passado a superar e um presente/futuro a construir. Do modelo de escola, universalizado a partir da organização fabril com a Revolução Industrial (ênfase no tempo mecânico, na hierarquização dos saberes e organização estática); precisamos promover mudanças que tornem a sala de aula criativa, com estímulos variados, com relações horizontais entre professores e alunos. Para Cunha (2005, p.77), a sala de aula é o "cenário do encontro e das múltiplas possibilidades, que docentes e discentes têm de fazer dele um tempo de aprendizagens, trocas, descobertas, experimentação, autoconhecimento".

Vivemos em um tempo em que os desenvolvimentos tecnológicos e culturais, muito especialmente as diversas mídias, a informática e a internet, tornaram-se organizadores privilegiados da ação e do significado da vida humana, o que desestrutura as instituições educativas, subverte práticas e instala incertezas, provisoriedades e imprevisibilidades (COSTA, 2001). Como diz Bauman (2011, p.112) vivemos um "mundo líquido moderno, em que a solidez das coisas e das relações humanas, vem sendo interpretadas como ameaça. (...) A alegria de livrar-se de objetos, descartá-los é a verdadeira paixão do mundo líquido". E acrescenta: "O mundo que habitamos parece muito mais uma máquina de esquecer que um ambiente favorável e propício ao estudo" (p.112).

As novas tecnologias da informação e da comunicação modificam profundamente as práticas escolares, os objetivos da educação e a relação entre os diferentes contextos de

educação e ensino, mas também desafiam a busca constante de estratégias e táticas de superação, como nos coloca Bauman (2011):

> A educação assumiu muitas formas no passado e demonstrou ser capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. (...) mas a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida. (p.125)

Ravazzolo (2012, p.5), ao abordar o papel das mídias sociais na sala de aula, destaca as infinitas possibilidades de comunicação entre alunos, pais e professores. Chama a atenção para o fato de que a escola é a "oficina onde se aprende a utilizar esses recursos, quase sempre antigos para os estudantes, mas recentes para os docentes, e essa diferença entre as gerações provoca um abismo que dificulta ainda mais o diálogo"[13]. Cita a pesquisa realizada pela organização *Birmingham Science City* (Grã-Bretanha), que mostrou que 54% dos alunos utilizam inicialmente o Google como ferramenta para esclarecer dúvidas. Isso sinaliza para a necessidade do professor aproveitar os variados dispositivos[14], para que novos cenários educacionais apareçam e agreguem conhecimento e cidadania.

Frigerio (2003, p.12) afirma que "o *trabalho da educação* é o trabalho *das culturas,* o trabalho de *transmissão*, o trabalho de *descobrimento*, o trabalho psíquico de *elaboração* de conflitos sociocognitivos e de rupturas epistemológicas que demandam uma *pedagogia não conformista*, que não ignore seu passado e que ofereça algum futuro. Um futuro em que o homem não seja descartável, onde a técnica e a tecnologia estejam a serviço do bem-estar coletivo e não sejam utilizadas para produzir exclusão, onde as produções culturais sejam um bem de uso comum, e não um privilégio reservado a poucos, e a ética um componente de ação".

---

[13] O Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS produziu uma cartilha, intitulada "Guia de Posturas nas Redes Sociais", que cabe no bolso e tem oito paginas, para ensinar e alertar os alunos para os cuidados éticos que devem ter no uso das mídias sociais.

[14] O conceito de "dispositivo" é entendido, ao mesmo tempo, como uma "técnica de poder e um procedimento de saber". Conforme Anne-Marie Chartier (2002, p.10) o termo "é completamente compatível com a ideia técnica de que se trata de maquinarias institucionalizadas e finalizadas. (...) O método tem a ver com a lógica de um discurso que justifica suas etapas (que também são ações), enquanto a técnica encadeia gestos finalizados e validados pelos resultados". Citando Michel Foucault, define dispositivo como "uma realidade heterogênea, na qual se encontram entrelaçados discursos, instituições, agenciamentos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: o dito quanto o não dito". Exemplificando, diz que sob a expressão "dispositivo disciplinar", encontra-se tanto uma instituição como a escola, uma organização como a classe, como o quadro-negro (p. 12).

Finalizando, gostaria de estimular todos a cultivarem o saber histórico da educação e da cultura escolar, de converterem o cotidiano em história "para que a história seja a história de todos" (FERRAROTTI, 1991, p.13). De interrogarem o passado, a partir do presente, para pensarem o futuro; de perceberem os mecanismos de continuidade/descontinuidade do trabalho pedagógico; de considerar-se o discurso pedagógico como metafórico, o que leva a perpetuação de uma tradição – a ideia de boa consciência pedagógica (HAMELINE, 1966, p.197).

Philippe Meirieu (2006, p.85), na obra – *Cartas a um jovem professor*, demonstra que ser professor é uma luta permanente, pois é uma aposta no futuro, que significa "trabalhar cotidianamente nas aprendizagens". E conclui com a sugestiva frase "Os professores não têm futuro. Eles são o futuro. E, sobretudo, você..." (p.86). Com essa sugestiva mensagem, procura catalisar e sintetizar a mediação possível que cada um de nós deve realizar para enfrentar a complexidade do mundo e, especialmente, o mundo do trabalho e o mundo da escola.

Temos uma pluralidade de memórias da escola, que põem em relevo os valores passados e presentes. Cada um conta, a seu modo e estilo, sua história escolar, sublinhando êxitos e fracassos. A "inteligibilidade da ação histórica" possibilita que transitemos entre a "memória da esperança" e a busca de "uma escola mais plural, mas também mais integradora" (ESCOLANO, 2006, p.17). Falar da sala de aula, escola, memória, cultura é também pensar o futuro, sempre imponderável. Como estamos trilhando os caminhos da Educação Brasileira, essa é uma história em construção... Com novos desafios e interrogações, restando a dúvida... *Como será o amanhã?*

REFERÊNCIAS

BASTOS, M.H.C.; FARIA Fº, Luciano Mendes (Org.). A Escola Elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: EDUPF, 1997.

BASTOS, M.H.C. O Ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, M.H.C. Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 34-51

BASTOS, M.H.C. Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. Cadernos de História da Educação. Uberlândia, n. 4, 2005.p.133-142.

BASTOS, M.H.C. Reminiscências de um tempo escolar. Memórias do professor Coruja. Revista Educação em Questão. Vol 25, n.11, jan/abr. 2006. p. 151-189.

BASTOS, M.H.C. O Relógio Moral*:* Marc-Antoine Jullien e a arte de governar-se e educar-se. Foro de Educación. Pensamiento, cultura y sociedade. Universidad de Salamanca/Espanha, n.13, 2011, p.103-122.

BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CARUSO, Marcelo. La biopolítica en las aulas. Prácticas de construccion em las escuelas elementales del Reino de Baviera/Alemanha (1869-1919). Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

CHARTIER, A-M. Um dispositivo sem autor. Cadernos e fichários na escola primária. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, n.3, p.9-26, jan/jun. 2002.

COSTA, Mariza (Org.). O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. Sala de aula: espaço de inovações e formação docente. In: ENRICONE, Délcia; GRILLO, Marlene (Org.). Educação Superior: vivências e visão de futuro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 71-82.

DECCA, Edgar S.; LEMAIRE, Ria (Org.) Pelas Margens. Outros caminhos da História e da Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

DUSSEL, Ines; CARUSO, Marcelo. A invenção da sala de aula. Uma genealogia das formar de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Introducción. In: ESCOLANO BENITO, Agustín (Dir.) História Ilustrada de la Escuela en España. Dos siglos de perspectiva histórica. Madrid: Fundación Germán Sánchez Rupiérez, 2006. p. 13-19.

FALCÃO, Adriana e outros. Histórias dos tempos de escola. Memória e Aprendizado. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

FERRAROTTI, F. La historia y lo cotidiano. Barcelona: Península, 1991.

FISCHER, Beatriz (Org.). Tempos de Escola. Memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber libro, 2011 (v.1 2 v.2); 2012 (v.3).

FRIGERIO, Graciela. Prólogo. In: DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. A Invenção da sala de aula. Uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003. p.11-12.

HAMELINE, Daniel. L'éducation, ses images et son propos. Paris: Ed. ESF, 1996.

HOUASSAYE, Jean; SOËTARD, Michel; HAMELINE, Daniel; FABRE, Michel. Manifesto a favor dos pedagogos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação. SBHE/Campinas, n.1. jan/jul. 2001. pp.9-43.

KRUMB, Christian. L'âge d'or du tableau noir. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

KOLAKOWSKI, Leszek. La Modernidad siempre a prueba. México: Vuelta, 1990.

MEIRIEU, Philippe. Carta a um jovem professor[15]. Porto Alegre: Artmed, 2006. 96 p.

MIGNOT, A. C.V. Por trás do balcão: os cadernos da coleção cívica da Casa Cruz. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Século XX (v. 3). Petrópolos: Vozes, 2005. p. 363-378.

NÓVOA, Antonio. História da Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.

NÓVOA, Antonio. *E vid ente mente.* Histórias da Educação. Porto: Editora ASA, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto*:* leituras da História e da Literatura. Revista História da Educação. ASPHE-UFPEL, v.7, nº14, pp.31-46, set. 2003.

RAVAZZOLO, Ângela. Caixa de Ferramentas. Zero Hora, Porto Alegre, quinta-feira, 22 de março de 2012. p.5.

ROJAS, Otavio (Org.) Diário de um professor. Porto Alegre: Orquestra Editora, 2011.

[15] Tradução da obra publicada em francês "Lettre à un jeune professeur" (Paris: ESF éditeur, 2005).

SOUZA, Nilson. Um século de sono. Zero Hora. Segundo Caderno. Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2001, p.11.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. História, Memória e História da Educação. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Século XX (v. 3). Petrópolos: Vozes, 2005. p. 416-429.

THÉLOT, Claude. Les écrivains français racontent l'école. 100 textes essentiels. Paris: Delagrave/Maisonneuve&Larase, 2001.

TISON, Guillemette. Le Roman à l'école au XIXe siècle. Paris: Belin, 2004.

VARELA, Julia ; ALVAREZ-URIA, Fernando. Arqueología de la Escuela. Madrid : La Piqueta, 1991.

VARELA, Julia ; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. Teoria & Educação, n.6, 1992. P.68-96.

VERÍSSIMO, Érico. Olhai os lírios do campo. Porto Alegre: Globo, 1975.

_____, Érico. Clarissa. São Paulo: Globo, 1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A modo de prólogo: Refúgios del yo, refúgios de otros. In: MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Teresa S. (Org.) *Refúgios do Eu:* educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO BENITO, A. Currículo, espaço e subjetividade. A arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

VIÑAO, Antonio. Sistemas educativos, culturas escolares y reformas. Madrid: Morata, 2002.

VINCENT, Guy. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Educação em revista. Belo Horizonte, n.33, jun.2001, p.7-47.

ZILBERMANN, Regina. Literatura e História da Educação: representações do professor na ficção brasileira. Revista História da Educação. ASPHE-UFPEL, v.8, nº15, pp.73-88, abr. 2004.